

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

20.º Anno

10 de Dezembro de 1897

XX Volume — N.º 682



A FORMIGA



## CHRONICA OCCIDENTAL

Estamos no mez do Natal. Lisboa, em plena estação de inverno, reanimou-se nas ultimas tardes bonitas.

O frio afastou ainda da Avenida grande numero de suas frequentadoras; mas o sol resplandecendo na esphera azul e profunda, cheia de calafrios, illuminou ainda assim uma boa duzia de rostos bonitos, friorentos, a esconderem-se nas grandes golas elegantes da ultima moda.

Dentro em breve, veremos ostentosamente enfeitadas as lojas que mais n'este tempo costumam attrahir a attenção, com os seus bibelots, caixas de amendoads, estatuetas, cartões de boas festas.

De resto, pouco, por ora, que tenha atrahido a attenção do publico.

Os tempos vão correndo excepcionalmente serenos quanto a casos chamando a attenção, e sendo o assumpto constante e fatal das conversações.

Theatros: foram os do Porto os que mais até agora estiveram na berra, com a celebre embrulhada dos *Dois Gorotos*, traduzidos pela sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torrezão e representados no theatro D. Affonso e o drama *Fanfan*, extrahido do romance do mesmo titulo pelo sr. Lopes Teixeira. Estão em litigio propriedades litterarias, em discussão as convenções com a França; não admira, portanto, que os que se interessam pelo theatro em Portugal tenham seguido com a maior curiosidade as diferentes peripecias d'esta gravissima questão.

S. Carlos, ponto de reunião habitual da sociedade elegante de Lisboa, conserva por enquanto as portas fechadas. Apesar da assignatura concorridissima como nunca, não faltam reclamos em todos os jornaes, promettendo maravilhas, nem retratos de cantores e cantoras por todas as lojas de musica. Effectivamente a epocha theatral apresenta-se cheia de boas promessas e parece que deverá ser das que ficarão lembradas. Poucas vezes se terá visto tamanha anciedade da parte dos amadores da mais bella e nobre de todas as artes.

Mas S. Carlos ainda não abriu e, por ora, com respeito a musica, temos de contentar-nos com a chilreada dos pardaes da Avenida, que n'estes dias lindos, bebados de sol em que se banharam, deitaram-se outra vez aos côros estiridentes nas acacias despidas.

Julgavam talvez que veriam uma d'estas manhãs os primeiros botões verdes rasgando a cascada dos ramos rugosos.

Descansem, patetinhas, que a primavera ainda vem longe.

Houve quem se lembrasse da conveniencia de atugentar a tiro toda aquella pardalada. Tenho aqui uma visinha que resume toda a philosophia n'uma só phrase: — Elle ha gente para tudo!

A velhota tem razão!

Os pardaes, os cantores dos pobresinhos, tão cheios de sempre de bom humor, communicando-nos a todos a alegria, voando em bandos, ás voltas e reviravoltas, sempre em doidas revoadas, cahindo de chofre sobre as arvores, tão contentes sempre a chilrear, parece que perderam um dia o respeito pelo chapéo fino do illustre auctor d'esse communicado espaventoso.

Pois fizeram elles muito bem!

Pobres pardalinhos! No campo accusam-os de darem cabo das searas, na cidade de não cumprirem as posturas municipaes! E elles, trocistas e de consciencia limpa, vão cantando jovialmente aos pobresinhos symphonias como as não fez Beethoven, preludios que se não ouvem em S. Carlos!

E com os theatros, que vão vivendo pacatamente, sem que nenhum até agora tivesse encontrado a grande peça que ha de enriquecer a empreza e os contractadores, na mesma paz caminha a politica, sem que uma só questão faça, pelo menos, amornar os animos.

Muito noticias desencontrada. Ha dinheiro. Não ha dinheiro.

E, entretanto, é essa a magra questão.

*Dis-moi ce que tu manges, je te dirai ce que tu es*, disse Brillat-Savarin, que por ser um grande patusco não deixava de ser um grande philosopho.

Dize-me o que comes, dir-te-hei quem és.

Dinheiro! Dinheiro!... E se um dia não comermos nada o que será de nós? Meditem no aphorismo do grande doutor e, se souberem, tirem-lhe as conclusões.

Talvez nos aconteça como ao cavallo do inglez

glez que passou d'esta a melhor, quando já se ia costumando.

Sr. Conde vai, sr. Conde volta. Já o sr. Conde de Burnay não pôde dar um passo sem que o sigam olhares scintillantes de gula ou de fome. Chega a ponto de se escreverem as equações do problema em funções das côres das bandeiras dos americanos: amarello e branco, Avenida pelo Aterro; vermelho e azul, Caminho de ferro pela Pampulha. Cada passo do sr. Burnay é discutido em columnas e columnas de jornaes, em artigos de fundo, em sueltos, em communicados, em telegrammas para a provincia, sem que entretanto o publico se commova ou dê attenção ao assumpto.

Emquanto a cilha tiver furos, vai-se apertando, depois... sempre ha de haver para uma buxa! E já só com essa bruxa muitos se contentam, e d'alma lavada e rosto alegre! Cautella entretanto, que teem limites a paciencia e o côs das calças!

O que fôr soar e, como pouco se pensa n'isso, e a curiosidade não tem onde saciar-se, foi assumpto elevado a primeira cathedra o desastre de ha dias no elevador do Lavra.

Isso sim, deu que falar. Todos se pelam por um crimesinho, um desastresinho, e o noticiario dos jornaes ha de sempre ser a secção com mais amadores. O reporter é general, onde muita vez o verdadeiro jornalista não passa d'um simples e reles anspedada.

Ninguem morreu, felizmente, dos que vinham dentro dos carros. Entretanto foi formidavel o choque, quando estes se encontraram a meio da calçada. Os dois vieram por aquella enorme pendente, saltaram fora dos carris; um d'elles atravessou até ao Largo da Annunciada, destruindo o que encontrou adiante de si, até que se voltou com os passageiros, um homem e duas senhoras, todos feridos ligeiramente.

Apenas um homem morreu, não do choque nem da queda, mas unicamente da afflicção que n'elle produziu a desgraça que viu imminente nos outros!

Não era um egoista aquelle, com toda a certeza. Caso estranho! Elle que estava salvo, que nada tinha a temer, que alegre podia ficar ao ver o perigo dos outros e a pensar na propria boa sorte, de si se esqueceu e com um grito de lastima pela provavel desgraça alheia, cahiu redondamente morto!

Foi o caso mais falado nos ultimos dias. Todos querem saber quem tem a culpa, accusa-se a companhia, accusa-se a Camara. Tudo se discute tanto e tanto, que ao fim de tanta palavra gasta e tanto argumento estafado, bom era que se resolvesse qualquer coisa.

Não sei se já notaram. Sempre que um desastre succede, metade da população escapou por uma unha negra. E' o termo. Um tinha feito tenção de ir ao Campo de Sant'Anna n'aquella noite, outro n'aquella noite é que exactamente não foi, outro perdeu o carro por um minuto.

Chega a parecer impossivel, mas é verdade, que a maior parte da gente parece fazer consistir a gloria em escapar de certos perigos, embora para isso não tenha dispendido nem uma parcella de intelligencia, nem um bocadinho de coragem, nem, ao menos, um nada de tempo ou de trabalho.

Dar nas vistas, ser interessante, isso que era só ambição doentia de mulheres histericas e tolas, passou a ser o ideal de quasi todos. Ser falado! Ser conhecido! E já não ha fabricantes de conserva de peixe, de carimbos, de xaropes, de telha, de rebuçados, de romances, de herimbãos; que nos não estampe o retrato pelas esquinas, em prospectos, em annuncios, do frente, de perfil, por detrás, por deante, como quem pede a um professor que lhe estude bem a configuração d'aquelles craneos e lhes prove que dentro... não ha nada!

João da Camara.



## AS NOSSAS GRAVURAS

A FORMIGA

Ninguem mais economico e mais poupado que a laboriosa formiga, cuja vida serve de exemplo moral ao homem e deu motivo a uma das eternas fabulas de Lafontaine, que se presume com bom fundamento, se foi inspirar nos poetas arabes.

Pois assim como a formiga tem ser ido de

exemplo moral a poetas e philosophos, tambem o artista encontrou n'ella motivo para a bella escultura que reproduzimos na nossa primeira pagina, dando á sua obra o titulo *A Formiga*.

E de facto: aquella mulher vestida com os modestos trajes de camponea, curvando-se toda para o chão a apanhar umas miseraveis palhinhas, dá a imagem moral da formiga que, no seu constante labotar vai enceleirando o que os outros desprezam e com essas insignificancias, se sustenta no inverno.

É que migalhas tambem é pão, diz a voz do povo e diz uma verdade.

E assim o artista produzindo uma obra d'arte, produziu tambem uma obra moral. Aprendam n'ella os perdolarios.

## O APRESAMENTO DO «ROSITA» PELOS PIRATAS

Os actos de pirateria praticados pelos mouros do Riff, Kabila e Becaya, nos dias 14, 24 e 30 de agosto d'este anno, assaltando os brigues *Rosita* e *Fiducia*, o primeiro portuguez e o segundo italiano, despertaram a attenção de toda a imprensa da Europa, que se occupou largamente d'este acontecimento que recorda tempos passados, em que os actos de pirateria dos argelinos e dos marroquinos eram tão frequentes, que por muitos annos constituiram como que um tributo que os christãos tinham que pagar para a remissão dos captivos.

Então, como hoje, houve que estabelecer negociações para o resgate dos captivos, intervindo para esse fim as potencias, e muito principalmente a Hespanha, Portugal e a Italia, nações interessadas n'esta questão.

Ao sr. Don Miguel Muro Moreu devemos a amabilidade da remessa de photographias de que damos copia nas pag.<sup>as</sup> 268 e 269, as quaes se nos afiguram bastante interessantes.

Alhucemas é a praça de guerra hespanhola, sob a vigilancia da qual estão os mouros do Riff. Ali foi o centro das negociações para o resgate dos captivos, negociações em que o governador militar de Alhucemas, sr. Don Pablo Artal Abad, se houve com rara habilidade e intelligencia.

Valeu-lhe n'esta difficil situação o muito prestigio que tem entre os mouros do Riff, pois que estes declararam que só ao sr. Artal entregariam os captivos, como effectivamente entregaram no dia 10 de novembro ultimo.

O alto serviço que o sr. Artal lhes prestou e ás nações interessadas bem merece um justo premio dos respectivos governos.

Não menos importantes e merecedores de recompensa são os serviços prestados pelo primeiro official da administração militar, commissario de guerra na praça de Alhucemas, sr. Don Miguel Muro Moreu. A este official devem os captivos, seguramente, não terem perecido á fome e ao abandono, pela iniciativa que tomou com os habitantes de Alhucemas em enviar soccorros aos desgraçados.

O sr. Muro offereceu-se espontaneamente para dirigir aquelles soccorros, e todos os dias enviava aos captivos, que eram seis portuguezes, um italiano, um francez e um grego, boa e abundante comida e roupas, e escrevia-lhes carinhosas cartas prodigalizando-lhes palavras de conforto, resignação e esperanza, com que os animou durante o seu captivo de tres mezes.

N'esta difficil tarefa, attentas as difficuldades de communicação, foi o sr. Muro auxiliado pelo mouro Aldela Bugaba, do Riff, que se prestou a ser o portador dos soccorros. Este mouro ha todos os dias, sem falta d'um só, levar a comida, as roupas e as cartas aos captivos, luctando não só com as intemperies, mas ainda com a opposição que os outros mouros lhe faziam, para cumprir a sua missão humanitaria e trabalhosa, e que elle desempenhou desinteressadamente. Um bom mouro este Aldela Bugaba.

Na occasião do resgate interveio, além do governador militar de Alhucemas, sr. Don Pablo Artal Abad, o judeu Isaac Pinto, o qual foi comissionado pelos representantes dos governos interessados, em Tanger, para tratar com o Riff a entrega dos captivos. A sua actividade e trabalho se deve em grande parte o bom exito das negociações.

Chegado que foi a Alhucemas, poucos dias depois de apresado o *Fiducia* e o *Rosita*, ajustou uns 4 ou 6 mouros de confiança, que elle chamava sua gente, para andar em continuas conferencias com os piratas do Riff, ora ameaçando-os ora fazendo-lhes grandes promessas para resgatar os captivos, o que trouxe em constante agitação toda a kabila de Bocaya até os riffenhos se deci-

direm a entregal-os, mediante os resgates propostos.

Isaac Pinto tomou parte muito activa e importante n'esta questão, porque foi um fiel e intelligente cumpridor das instruções dos representantes dos governos de Hespanha, de Portugal e da Italia. A sua qualificação de judeu permittia-lhe ir ao Riff conferenciar pessoalmente com os piratas e fazer lhes ver o erro que commettiam em reter essa gente e as vantagens de os entregar, para evitar maiores castigos e a intervenção do Sultão.

O nome de Isaac Pinto foi apontado por toda a imprensa sempre que se tratava da questão dos piratas, como o d'aquelle que mais actividade exercia e mais concorreu para o resultado favoravel do resgate.

E' curiosa a maneira como, depois de muitas conferencias e acordos se obteve o resgate dos captivos.

As negociações para esse fim foram complicadas. Assim para resgatar os seis captivos portuguezes tripulantes do *Rosita*, foi preciso contratar com o mouro Aluch Majan, riflenho de Bocaya para este pagar aos piratas o preço do resgate, em troca da liberdade de dois filhos seus que estavam presos em Alhucemas, tambem por actos de pirateria praticados com o navio francez *Prosper Corne* em 7 de outubro de 1891.

Outro tanto aconteceu com o resgate dos tripulantes do *Fiducia*. D'este foi encarregado o mouro riflenho landu Bugaba, por alcunha *Carmen* pagando aos piratas o resgate d'aquelles em troca da liberdade de dois sobrinhos seus presos, um em Tanger e outro em Alhucemas.

Entre os captivos portuguezes resgatados contam-se além dos marinheiros de que apenas podemos obter os nomes de Sebastião Mascarenhas, Joaquim Alcantata, João de Paula Santos Dentinho e o capitão do *Rosita* sr. João Rosendo Mascarenhas.

Tomou tambem parte muito activa n'esta questão o sr. D. Gregorio Mingot Gonzalbes, chefe da estação telegraphica de Alhucemas. São dignos de louvor a intelligencia e zelo com que se houve no desempenho do seu cargo, pelo serviço constante que as circumstancias exigiam, na troca de telegrammas, em que não houve a menor perda de tempo, e até com sacrificio do sr. Mingot, que, por assim dizer, não teve descanso enquanto duraram as negociações.

Funcionarios como o sr. Mingot são dignos de todo o elogio e recompensa

«Mas los pueblos sabrán en su conciencia  
que el que los rige libres sólo es fuerte,  
que el que los hace grandes sólo es grande.

Temos á vista o livro primoroso de Cornelis de Witt, aonde se nos depararam as seguintes particularidades: «George Washington nasceu aos 22 de fevereiro de 1732, sobre as margens do Potomac, em Bridge's-Creek, no condado de Westmoreland, na Virginia. Sua familia, estabelecida na America desde 1657, tinha pertencido á pequena nobreza do condado de Durham, na Inglaterra, e occupava logar distincto entre os fazendeiros da Virginia. Seu pae era um homem considerado, rico e influente, que, ao morrer, deixou os seus dez filhos em condição honrosa e independente. George Washington contava 11 annos quando perdeu o pae. Ficou sob a tutela de sua mãe, mulher justa e temente a Deus, de espirito elevado e pratico, coração ardente e firme, que inspirava a todos os seus um respeito ao mesmo tempo tímido e affectuoso.»

Com progenitores dotados de taes qualidades, foi dada ao insigne varão a melhor escola e ministrado o mais alto ensinamento. Resalta-nos aqui uma coincidência notavel: ter sido berço do primeiro presidente da republica americana justamente a terra de que disse Alexis de Tocqueville: «La Virginie reçut la première colonie anglaise. Les émigrants y arrivèrent en 1607.»

Não é nosso intuito analysar as diversas questões das colonias com a mãe patria que originaram a guerra da independência; era-lhes natural o desejo da sua emancipação, como o instincto da liberdade á ave que se vê encerrada n'uma gaiola.

Chegou um momento em que a Inglaterra, quer por tardias reconsiderações politicas, quer por erronea direcção ministerial, já não encontrou no animo d'aquelles seus governados a mesma disposição e boa vontade que outr'ora encontrara, até ao ponto de se verem atacados no que suppunham direitos legitimos, aliás consignados nas cartas concedidas pela propria Grã-Bretanha.

Assim, veio um dia em que no porto de Boston, teve logar a scena significativa e violenta, contada em poucas palavras pelo nosso extinto compatriota, Antonio da Cunha Pereira de Sotto Maior, no seu brilhante *Esboço Historico*: «A 16 de dezembro do mesmo anno, 1773, depois de uma numerosa reunião dos cidadãos de Boston, no edificio denominado «Faneil hall» e hoje por antonomasia «the radle of liberty» (berço da liberdade), uns sessenta colonos disfarçados em costumes dos indigenas, durante a noite abordaram tres navios que estavam na bahia e lançaram ao mar, em menos de duas horas, alguns centos de caixas de chá. A população assistiu impassivel a este acto violento, praticado todavia debaixo da maior regularidade, similhando mais a execução de uma ordem legal, do que a manifesta reacção do povo contra os decretos do parlamento britannico.»

Tempo depois de se passarem os acontecimentos que vimos de transcrever, foi reunido o congresso continental que confiou o commando de todas as forcas a George Washington, o qual se tornara conhecido na guerra de Sete annos, travada entre inglezes e francezes n'aquellas regiões americanas.

Referê-se que, quando no Congresso indigitaram o seu nome para tão honrosa quasi grave missão, e lhe teceram elogios merecidos, elle essencialmente modesto, tomou o partido de se afiançar da respectiva sula para não assistir á sua propria apologia. As palavras que então pronunciou o incomparavel cidadão, instado a aceitar a grandissima prova de confiança de que fôra alvo, são credoras da maxima publicidade e definem perfeitamente um caracter:

«Senhor presidente, apesar de achar-me verdadeiramente impressionado pela alta honra que me é concedida com esta nomeação, ainda assim sinto a grande necessidade de uma madura reflexão, que a minha habilidade e experiencia militar não podem offerecer á immensa e importante confiança que em mim se deposita. Entretanto, como o Congresso o deseja, desempenharei tão altos deveres, e esforçar-me-hei com todos os meios que possuo para bem servir e defender a gloriosa causa da America.

«Peço ao Congresso, queira aceitar os meus mais cordeas agradecimentos, por este distincto testemunho com que me honra. Se, porém, occorrer algum desgraçado acontecimento desfavoravel á minha reputação, rogo a todos os cavalheiros reunidos n'esta sala, que se lembrem da declaração que faço no dia de hoje com todas as forças das minhas faculdades—de que me não julgo

á altura do commando com o qual fui honrado. Pelo que respeito a recompensas, Sr. presidente, peço licença para assegurar ao Congresso, que não ha consideração pecuniaria que me possa tentar a aceitar este espinhoso cargo á custa da minha felicidade e negocios domesticos, e que não desejo que d'elle me resulte proveito algum. Farei uma lista exacta das minhas despezas; e sobre aquellas que não houver duvida, o Congresso as satisfará; e tudo quanto desejo.»

George Washington tomou posse do seu elevado posto militar nos primeiros dias de julho de 1775, a 4 de julho do anno seguinte foi assignado o acto da declaração da independência das antigas colonias; e, finalmente, aos 17 d'outubro de 1781 rematava o illustre general a sua campanha, consagrando a referida independência pela tomada de Iork-Town, cuja guarnição ingleza forçou a render-se. Profundo respeitador dos direitos da humanidade, nunca permittiu aos soldados o abuso da força, e era inflexivel no castigo d'aquelles que praticavam semelhante attentado.

Acabada a guerra, soube recusar nobremente a coroa real, que teria obtido facilmente attento o prestigio que exercia sobre o exercito, e ao retirar-se á vida das suas propriedades de Mount-Vernon, na sua despedida ás tropas soltava estas phrases significativas: «A honra, a dignidade, a justiça do paiz, serão para sempre perdidas se não forem augmentados os poderes da União. O general deixa, pois, a cada official e a cada soldado, como ultima ordem, a de unir os seus esforços aos dos seus dignos concidadãos para alcançar este grande e importante resultado, de que depende a nossa existencia como nação.»

Duas vezes eleito presidente da republica pelos seus compatriotas reconhecidos, foi sempre o interesse legitimo da patria a unica força que o moveu, o unico principio que o dominou.

Adorador de Jesus Christo, não esqueceu nunca os preceitos de doutrina d'aquelle ser divino, e a sua mensagem de despedida ao povo dos Estados Unidos, proximo a findar o seu segundo e ultimo periodo presidencial em 17 de setembro de 1796, contem estas bellas expressões nitidamente reveladoras da sua alma de crente e da sua convicção austera: «A religião é a moral são os sustentaculos necessarios da prosperidade dos Estados. Debalde aspiraria a patria quem quizesse derribar estas duas columnas do edificio social. O politico, bem como o homem piedoso deve veneral-as e amal-as. Não bastaria um volume para traçar o quadro das relações que ellas têm com a felicidade publica e dos particulares.

Que seriam a fortuna, a reputação, a propria vida dos individuos, se a religião não impedisse que fossem violados os juramentos, de que a justiça lança mão para descobrir a verdade?»

Restituído assim á tranquilla existencia dos campos e da intimidade da familia, á posse do que mais anhelava n'este mundo, decorreram-lhe dois annos de alegrias infindas e de rapidas horas, carinhosamente infeitçadas pela presença de Martha Washington, esposa modelo e amante queridissima do seu coração.

Ha porém, uma lei superior á vontade humana, gravada em letras indeleveis sobre a face do Universo; é a lei da morte, egualmente soberana dos estímulos da consciencia e das bellezas da natureza.

Veio ella pôr fim áquella vida coroada de ventura, impellido para a voragem do sepulchro o corpo inanimado do maior cidadão que viu luz na America, e cuja memoria suave todas as gerações do mundo culto saberão abençoar.

George Washington soltou o ultimo alento no dia 14 de dezembro de 1799. Merece reproduzir-se n'esse logar a homenagem da França na seguinte ordem do dia: «Washington est mort. Ce grand homme s'est battu contre la tyrannie; il a consolidé la liberté de sa patrie. Sa mémoire sera toujours chère au peuple français, comme à tous les hommes libres des deux mondes, et spécialement aux soldats français; qui, comme lui et les soldats américains, se battent pour l'égalité et la liberté.

En consequence, le premier consul ordonne que, pendant dix jours, des crêpes noirs soient suspendus à tous les drapeaux et guidons de la République.

Paris, le 18 pluviôse an VIII.»

D. Francisco de Noronha.



## GEORGE WASHINGTON

«...; sua alma era estranha a todo o interesse pessoal, e nunca suas acções se apartaram da rectidão e da justiça.»

Ch. Coote.

É sempre agradável ver elogiar imparcialmente aquelles que representaram no mundo papel grandioso.

No caso porém da nossa epigraphie, tomada no continuador da historia de Inglaterra por Goldsmith, redobra de valor o elogio visto tratar-se do homem que mais decisivamente contribuiu para a separação final da sua metropole das colonias inglezas norte-americanas que constituiram a republica dos Estados-Unidos. Percorrendo as paginas da *Historia Universal*, poucas figuras se levantam modeladas por ideaes tão puros e rarissimos caracteres offerecem na envergadura externa as linhas physionomicas profundamente typicas e o traço geral de tamanha austeridade.

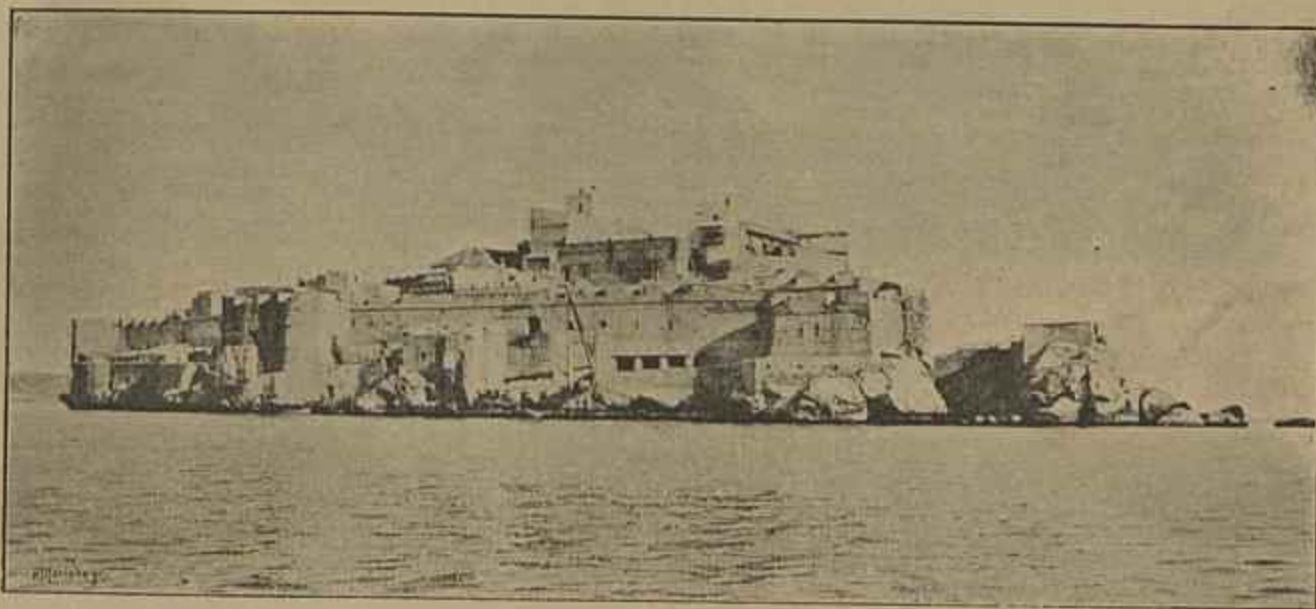
E é certamente tão singular conjuncto, este extraordinario ser moral a quem Deus não permittiu todavia que fosse roçado pela aza do genio, é isto tudo que inspirou os bellos versos que vão lêr-se, devidos á penna da illustre cubana Gertrudis Gómez de Avellaneda:

«No en lo pasado á tu virtud modelo,  
«ni copia al porvenir dará la historia,  
«ni otra igual en grandeza á tu memoria  
«difundirán los siglos en su vuelo.

«Miró la Europa ensangrentar su suelo  
«al genio de la guerra y la victoria...  
«pero le cupo á América la gloria  
«de que al genio del bien le diera el cielo.

«Que audaz conquistador goce en su ciencia  
«mientras al mundo en páramo convierte,  
«y se envanezca cuando á siervos mande.

## O APRESAMENTO DO «ROSITA» PELOS PIRATAS



VISTA GERAL DA PRAÇA DE GUERRA DE ALHUCEMAS

JOÃO ROSENDO DE MASCARENHAS  
CAPITÃO DO «ROSITA»

## FORMOSURA PORTUGUEZA

*Canto histórico do tempo dos franceses*

(Continuado do número anterior)

## XI

Como já notamos, Wellington, receando vê-se envolvido pelos franceses, apesar do enorme desastre sofrido por estes no Busaco, apressou-se a retirar para as Linhas, em quanto Massena acampava em Coimbra, e se destinava a marchar em sua perseguição.

Os seguintes períodos, arrancados de uma das nossas histórias, dão uma idêa minuciosa e regularmente perfeita da dolorosa situação dos povos.

«O exército anglo-português levava adiante de si uma multidão chorosa, que engrossava a cada momento, e que, entrouxando os objectos mais preciosos, abandonava os humildes lares ao desespero do invasor.

«Os excessos dos nossos próprios soldados, que foi necessário punir com severidade, agravavam a triste condição dos fugitivos; depois, quando desaparecia no horizonte aquella confusa massa de povo, comolada, por assim dizermos, pelas tropas portuguezas e pelos soldados inglezes, cujas fardas vermelhas brilhavam com reflexos sanguinolentos á luz do sol do outomno, surgia o exército de Massena, exasperado pela falta de recursos, pela asperêza das marchas, pela violência da insurreição.

«O que o exército de Wellington não destruiu, destruíam-no ou roubavam-no os franceses; aos desgraçados, que, por velhice ou fraqueza não tinham podido acompanhar

os seus compatriotas na fuga, inflingiam tormentos sem nome, umas vezes para lhes arrancar o segredo dos tesouros escondidos e das subsistencias sonegadas, outras vezes apenas para satisfazer a ferocidade dos seus instinctos.

«Massena já não tinha força para disciplinar o exército, não só pelas resistencias, que encontrava nos seus orgulhosos subordinados, mas também porque era obrigado pela necessidade fatal a fazer viver o seu exército á custa do paiz, que atravessava, e a tolerar por conseguinte todos os excessos, todos os actos de ferocidade, que nasciam da desorganisação dos regimentos e da sua inevitavel dissolução em bandos de salteadores».<sup>1</sup>

Damos propositadamente esse trecho alheio, para que os méos sabedores dos espantosos episodios da terceira invasão franceza nos não alcuhassem de exagerado na rápida enumeração de algumas das façanhas, que esses bandos de salteadores e assassinos praticaram no paiz.

Mais adiante e em breve nos referiremos aos morticínios, crueldades e incendios, que elles inflingiram ás circumvisinhanças da aldeia de Luiza, a formosa heroína da nossa narrativa e fal-o-emos estribado em bons documentos.

<sup>1</sup> Hist. Popular — de Pinheiro Chagas.

Massena, grandemente surprehendido á vista das linhas de Torres-Vedras, de cuja existencia não sabia, retrogradava para Santarem.

Entretanto alyorecia o anno de 1811, e passavam-se mai. dois mezes improficuos, até que elle, desesperando de ser soccorrido, visto que Soult tomara caminho diverso, e convencido de que não podia sustentar-se por mais tempo, começou a 4 de março o seu movimento de retirada, com a intenção de parar em Coimbra, cujas cercanias ao longo do Mondêgo mandou guarnecer.

Batidos em Condeixa, os soldados francezes, por vigorosos esforços de Ney, procuravam sustentar-se na linha do Mondêgo.

Estava-se a 14 de março.

Desastradamente vencido no combate de Foz de Arouce e perdidas portanto as posições do Mondêgo, Massena julgou ainda poder resistir, prolongando-se pelas cercanias do rio Alva; a sanguinolenta escaramuça porém occorrida na Ponte de Mucella foi mais um golpe profundo, e tirou-lhe toda e esperanza de novas resistencias.

Poz-se portanto a caminho de Almeida com as tropas desmanteladas e convertidas em bandos, que se entregavam, como canibaes, a toda a sorte de atrocidades.

O termo de Arganil em geral e Pombeiro em particular viram-se novamente invadidos e desta

MARINHEIROS DO «ROSITA» CAPTIVOS DOS PIRATAS E OS MOUROS  
QUE OS CONDUZIRAM A ALHUCEMAS

(Cópia do photographias enviadas ao Occidente pelo sr. D. Miguel Muro Moreu)



D. MIGUEL MURO MOREU  
COMISSARIO DA PRAÇA DE GUERRA DE ALHUCEMAS



D. PABLO ARTAL ABAD  
GOVERNADOR MILITAR DE ALHUCEMAS



HEBREO ISAAC PINTO  
REPRESENTANTE DOS GOVERNOS EM TANGER



ALUCH MOJAN



IANDU BUGABA



ABDELA BUGABA



D. GREGORIO MINGOT GONZALBES, CHEFE DA ESTAÇÃO TELEGRAPHICA DE ALHUCEMAS  
(Cópia de photographias enviadas ao Occidente pelo sr. D. Miguel Muro Moreu)

## POESIAS DIVERSAS

## APPARIÇÃO

(DE RAMOS-COELHO)<sup>1</sup>

Eu andava sózinho n'este mundo,  
Sem saber onde era, n'um deserto,  
Quando eis o anjo me apparece perto,  
Que vira, mas do peito no mais fundo.

És tu, minha visão, digo jocundo;  
Não foi um sonho pois? És tu de certo?  
Oh! vem a mim; o meu amor te offerto.  
Já não ando perdido, só no mundo.

Ella, ouvindo-me, os olhos lacrimosos  
Põe nos meus; e estas phrazes, com voz presa,  
Meiga solta dos lábios maviosos:

Para que te hei de amar, se com presteza  
Os nossos dias passarão ditosos,  
Se mais só ficarás e em mais tristeza?

<sup>1</sup> *Combiantes*, pag. 181.

## APPARIZIONE

(VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO)

Soletto io mi trovava in questo mondo,  
Ignaro e inconscio, quasi in un deserto,  
Quando mi fu quell'angelo scoperto  
Ch'io vedea, ma del cor nell'imo fondo.

Sei tu, visione mia? Grido io giocondo;  
Non fosti un sogno dunque? Nol sei certo?  
Oh! vieni a me; l'amore mio t'è offerito.  
Già non vado smarrito e sol nel mondo.

M'ode ella: e in me i belli occhi lacrimosi  
Fissando, in preda a intensa tenerezza,  
Mi volge questi accenti dolorosi:

Perchè amarti dovrei, se con prestezza  
Voleranno i di nostri avventurosi,  
Se più solo sarai con più tristezza?

Genova, 15 Novembre 1897.

## XII

Alguns mêzes depois do que fica levemente descrito, a porta lateral do parlatório do convento de Hoyos, já nossa conhecida, abriu-se de novo, como se abrisse quatro annos antes para dar entrada á camponêza de Sahil, a terra montesinha da Beira. Luiza, a formosura portugueza, como lhe chamavam admirativamente no recolhimento, occupava a mesma posição ao lado da madre priorêza; mas... que differença havia que notar no seu aspecto, no seu trajar, nos seus modos e na sua linguagem!

Era outra, na verdade. Flôr sadia e robusta ainda em botão musgoso, quando ali entrara, respirara os effluvios de um ambiente mais puro, abria lentamente ás lufadas de um sol educativo e vivificador, recebera um colorido mais apropriado; e de bella, que fora, tornara-se formosissima e como tal encantadora.

E nada então faltava da scena ali passada, alguns annos antes.

Adolfo de Juvat, que se salvara de uma morte proxima, depois de uma convalescença, que se prolongara por todo o tempo da campanha, ia certificar-se se poderia aspirar á felicidade, que via muito perto da sua pessoa, como termo ambicionado dos seus trabalhos e fadigas.

A sua chegada datava de instantes; e pouco tempo havia portanto que elle conversava com as duas senhoras, depois de uns cumprimentos, em que a alma se alvoracava e toda se lhe expandia.

Em referencia ao perigo de vida, que corrêra, dizia-lhe Luiza muito radiante:

— É mais que certo dizêr-se que ha males que vêm para bem. Quanto eu agradeço a Deus que essa triste campanha o não tivesse por participante!

— E porquê, Luiza?

— Bem o sabe. Desembanhar a espada em terra portugueza... isso seria...

Uma nuvem de tristeza e despeito sombreou por instantes o semblante de Juvat.

— O que lá vae, lá vae — interrompeu a priorêza, com o seu ar sentencioso. — Agora só temos que dar graças a Deus pela tua salvação, meu sobrinho.

— O senhor barão entristeceu-se? — disse graciosamente Luiza. — Pois bem, eu vou tambem lastimar-me, e entristecêr-me.

— Sim, Luiza? E poderêr eu perguntar-lhe porquê?

— Ora porquê? Porque as minhas mãos de peccadora profanaram com certeza a reliquia, que lhe offereci ha tempos. Talvez não corrêsse o perigo, em que se viu, se o envoltório fosse obrado por melhores mãos. Pois não é isto verdade?

— Não, minha Luiza, não. Muito ao contrario, foi ella, a bôlsa milagrosa, que me salvou a vida. Muito me apraz crêr n'isso, como sempre cri. Quer vê-la?

O official francez abriu o peito da fardêta, e puxou de dentro de uma carteira de finissima carneira branca, o precioso objecto trabalhado pelas mãos delicadas de Luiza.

— Era o meu talisman, que eu invocava sempre por sobre as lembranças de minha tia, que eu preso tanto quanto estimo minha mãe; invocava o seu nome e...

— Adolfo, então? — atalhou Luiza, tôla rubo-

risada e comovida — Então? não diga mais... peço-lhe...

— Ao contrario, eu preciso hõje dizêr-lhe tudo, senhora...

— Senhora!... — tornou Luiza.

— Sim... senhora. Eu tenho-a tratado descuidosamente, com uma familiaridade intempestiva talvez; e julgo do meu devêr pedir-lhe desculpa do meu erro. E... agora pergunto: — Lembra-se de que lhe declarei um dia que não era tempo ainda de lhe falar do passado?

— Lembro-me, sim, mãe...

— Escute-me. Acrescentei então que tempo havia de vir, em que teria que suplicar-lhe perdão dêsse passado? Perdão-me?

— Perdoar-lhe eu...

— Sim, perdoar-me. A senhora vivia uma vida muito diferente desta, ou d'outra, que possa vir a têr, uma vida simples, sem preocupações estranhas, nem cuidados fatigantes, no seio da sua familia. Era talvez muito feliz. O seu coração tranquillo não palpitava senão pelos gosos ligeiros de um folgar innocente e pelo amor dessa familia, a que toda pertencia. Apareci eu, ceguei-me ao vê-la, e, violentamente e loucamente, pude dizêr-se, fiz-lhe perdêr tudo isso de repente, de um momento para o outro, e causei-lhe desgostos, e concorri para que derramasse sentidas lágrimas.

— Mãe... sobrinho, tu, com o teu procedimento...

— Peço-lhe, minha querida tia, que me não interrompa, porque este momento é o mais solemne de toda a minha vida.

— Eu não o acusei ainda... — interveiu, timidamente, Luiza.

— Não importa. Se o não fez por palavras, pode têr-me culpado por pensamentos. O meu delicto é grande, não o nego, e, apesar das minhas boas intenções, nunca deixou elle de me pesar na consciencia, porque a minha divisa de familia compõe-se de tudo que impõem a dignidade e o bom procedimento.

— Muito bem, sobrinho — exclamou a religiosa, apurando-se muito, como que a revêr-se na nobreza de uma antiga parentela.

— Não contente, senhora, com fazer-lhe perdêr o seu vivêr de outr'ora e a familia, que lhe pertence, furtei-a á terra natal e ao paiz, de que faz parte. Como quer pois que eu me não julgue culpado, e que lhe não solicite perdão? Sim, responda, Luiza lacrimava.

— Fale, menina — obtemperou a priorêza — chame a si todas as reminiscencias do passado e, abra francamente a sua alma.

— E antes de o fazer — tornou de Juvat — preciso advertir-a de que é livre, muito livre, de que portanto pode dispôr da sua vontade e dos seus actos, como lhe aprouver.

Luiza enxugou as lágrimas, umas lágrimas de agri-dôce sobresalto, e falou, espaçadamente, mas com determinada resolução.

— De ha muito que me custumei a admirar-lhe a nobreza dos sentimentos, senhor Juvat. O que acabo de fazer actualmente denuncia o verdadeiro fidalgo, que é, e que...

— Mãe o passado, senhora, o passado...

— O procedimento do presente, as delicadêzas, com que o fóro intimo do meu coração tem sido respeitado, desculpam os erros do passado, se erros chegarem a sêr...

vêz de uma maneira infame e devastadoramente inaudita.

Como em outras partes, foram assassinados eclesiásticos velhos a pauladas, gente inerme, inválida ou trôpega a golpes de machado, paizanos dependurados de árvores e queimados a fogo vivo, mulheres poluidas, homens enforcados a vista da familia, alguns esquartejados e arrastados pelos próprios intestinos; finalmente praticaram-se ali scenas, que nos repugna referir.

Um velho gotoso, o presbítero e bacharel José Freire de Faria, residente em Villacova, como por gotoso fugisse deitado sobre um carro de bois, foi obrigado a apêar-se, e, a podêr de golpes, a subir a pé uma ladeira, no alto da qual, lhe retalharam a corôa em quatro partes, e lhe abriram o ventre, dando-lhe uma morte horrorosa, a vista do próprio paê, que tambem foi victimado pelos facinoras. (1)

No districto de Coimbra, apesar de não haver informações exactas de 27 freguezias, realizaram-se 2060 assassinatos, 1144 casas e 20 povoações incendiadas, pertencendo ao concelho de Arganil — 180 assassinios, 224 casas queimadas e vinte mil alqueires de renovos destruidos. (2)

Se mais atrocidades não ocorreram, foi porque as povoações estavam desertas, andando os moradores a monte, e sendo apanhados apênas os mais animosos ou os velhos e trôpegos, que não poderam fugir ou ocultar-se a tempo.

Pelo que diz respeito ao nosso Pombeiro, ao falar da primeira invasão e do roubo feito ao nosso visavô Corrêa de Araujo, dissemos que o punho de uma espada franceza e o tûmulo quebrado de Mateus da Cunha, o senhôr da terra, eram as duas coisas únicas, que atestavam a passagem dos francezes por ali.

Esquecia-nos um documento, que temos á vista, e que não é de somenos importancia — o livro dos óbitos da respectiva freguezia.

Este livro, que posteriormente nos veio ás mãos, rubricado a 7 de setembro de 1805, menciona nos principios de março de 1811, a que acima nos referimos, ao falar da retirada dos francezes, vários enterramentos em olivais e descampados, fora do lugar sagrado portanto, por não haver quem conduzisse os cadáveres.

Quer dizer: á primeira noticia de que os francezes podiam assaltar a freguezia, a fugida dos homens válidos fora quasi completa.

Em seguida, o párocho coadjuctor da época, o padre Bernardo Lourenço, que se nos figura homem zeloso, de 18 a 28 do sobredito mêz de março, regista o morticínio pelos francezes de 35 pessoas de ambos os sexos, igualmente e com mais razão ainda, sepultadas em diferentes pontos, longe da igreja parochial.

E do visinho Sahil, para além do Alva, da terra natal de Luiza que sabêmos nós?

Vamos dizêl-o em poucas palavras, como nos foi contado por pessoa antiga da localidade.

O desaparecimento da rapariga, por misterioso e singular, deu pasto á loquela mexgotavel da gente crédula e faladôra, que não acertou em tempo nenhum com a verdade.

Os paes e os parentes próximos vestiram-se de luto, e prantearam-lhe a morte, que foi atribuida á malvadêz dos francezes.

A nova aproximação d'estes, três annos depois, veio acordar na memória de todos a perda de Luiza, já quasi obliterada pelos efeitos do tempo, que tudo consome.

Os paes e a irmã foram os primeiros a entrar o melhor, que tinham, e a desertar para as bandas da serra do Caramulo, onde se dizia que os detestados assassinos não chegariam.

E de facto assim aconteceu.

Nos três últimos dias de março, todos os foragidos voltaram ás suas casas.

Sobre os destroços de uma grande calamidade, ia surgir uma nova era.

Inimigos e aliados deixavam o paiz exaustivo de recursos, inundado em sangue, penosamente ferido, despoticamente saqueado; a pátria portugueza porém, ainda que oprimida pela pesada e ruinosa dominação dos inglêzes, podia considerar-se novamente livre.

Extinguam-se finalmente os horrores da guerra, o inimigo exterior era perseguido até aos muros de Tolosa; e as aguias de Napoleão, sedentas de carnificina, fugiam desassadas, para mais tarde, de desastre em desastre, se despedaçarem nas escarpas áridas e mortíferas de Santa Helena.

<sup>1</sup> Excerptos Crit. de Claudio Chaby.<sup>2</sup> *Ibidem*.

— E' muito indulgente, senhora.  
— Para o ser basta o acatamento, de que fui cercada, desde o primeiro momento, em que caí em seu poder.  
— Perdão-me então? — interrogou Juvat risinho e ofegante de ventura.  
— De todo o coração.  
— E esse coração poderá correspondêr ás ridentes e volumosas aspirações do meu? Vámos... fale.

A educanda de Hoyos ruborizou-se de novo e sentiu nos lábios uma ligeira tremura, ao fixar os olhos no chão.

— E então? não me responde?  
— E as suas tenções, senhor Juvat, são...  
— Amal-a ainda mais do que a tenho amado sempre; tornal-a minha mulher, e viver a sua vida. Que mais quer que lhe diga?  
— E se eu não podesse correspondêr-lhe, como deseja?

— Esmagaria o coração, á força de sofrêr, mas deixal-a-lá liberta para todo o sempre, retirando-me a chorar sosinho o meu erro, a minha má sorte, ou o meu simples desaso.

— Aconselhe-me, minha querida mestra, minha boa mãe, que a minha fraca razão pode desviar — exclamou Luiza, abraçando-se á priorêza, no auge de uma extraordinária comoção.

— Que hei-de eu dizêr-lhe, minha filha? Consulte o seu coração, consulte-se a si própria, que eu nada quero, nem devo aconselhar-lhe.

— E porque, se permite?  
— Juro suspeição — concluiu a religiosa tôda risinha e, amimando nas faces coloridas a gentilíssima portugueza.

— E que eu, minha boa senhora — continuou esta — receio muito que me julguem ambiciosa.

— Ora vámos, menina — tornou a religiosa, em tom de verdadeira convicção e deferencia — Ninguém pensa nisso. Eu conheço-a, como se minha filha fora, e bem vejo que essas hesitações dimanam do seu excellente carácter. Fale, fale desasombradamente.

— Vámos, senhora — volvou o barão de Juvat, suplicante — Referiu-se, ha pouco, á nobreza dos meus sentimentos; pois eu declaro-lhe que os seus subrepujam todos que eu possa ter. Humildade? Humildade... disse? Se o seu amor é a minha vida, se a sua pessoa é o meu cuidado constante — como quer que haja desigualdades entre nós ambos?

Luiza voltou a enternecêr-se ou antes a augmentar o seu constante enternecimento.

— Então, Luiza? — tornou a tia de Juvat.  
— Responda por mim, senhora.  
— Tal não farei, menina, embora lhe agradeça a confiança — Como hei-de eu...

— Respondêr por mim? Pois não sabe o meu pensar a respeito de meu sobrinho? Conhecendo-me tanto, não leu bem fundo na minha alma? Não se lembra das nossas conversações, das nossas alegrias e tristezas, á proporção que as boas ou más noticias de Adolfo chegavam ao nosso conhecimento? Lembra-se, quando o supuzemos perdido, das lágrimas, que choramos?

— Ama-o pois? ama meu sobrinho?  
— Se o amo! se o amo!

— O Luiza! Luiza — clamou Juvat delirantemente, caindo de joelhos diante da formosa portugueza, e tomando-lhe as mãos — Viva Deus, que se realisaram os presentimentos de ventura, que eu tive, ao encalar a pela primeira vez!

— Levanta-te, sobrinho — ponderou meigamente reprehensiva, a madre priorêza — Ora eu com os meus annos e na minha melindrosa posição a assistir á scenas destas! Vê se não te esqueces do lugar, onde estamos.

— Eis-me de pé. E julga minha querida tia que na minha felicidade lhe não cabe um grande quinhão? Deixe-me tambem beijar-lhe as mãos, de agradecido, ao chamar-lhe minha segunda mãe.

— Que direi eu, Adolfo? — acrescentou Luiza, ajoelhando ao lado do moço occial — Alirno que nunca poderei esquecer os benefícios que lhe devo, os conselhos, as admoestações, que me serviram de lição e estímulo, uma extraordinaria afeição, que...

— Basta, meus filhos — objectou a religiosa estendendo solemnemente as mãos sobre o elegantissimo par, e erguendo os olhos ao ceu — Deus vos abençõe e vos dê no mundo, que não é meu, a ventura, que eu nunca tive, mas que supponho alcançada do ceu. — Abraçe-me, e sêdo felices.

Ao formar-se o grupo enternecedor, tão curioso de vêr, titilaram no exterior da portaria os guisos de uma liteira, e ouviram-se algumas vozes de homens, entre as quaes se distinguu perfectamente a de uma dama, que dizia:

— E' aqui; parem; é aqui.

— O' meu Deus! que hora feliz — exclamou Juvat, alvoroçado. — Conheço-a pela voz. O' tia, é minha mãe, que chega. Váes conhecê-la, Luiza. Vem buscar-te.

— Já? — disse Luiza, significativamente, virando-se para a priorêza.

— Minha cunhada vem buscar a noiva de seu filho. Que havêmos de fazer? E' justo. Havia de ser.

— E... e eu havia de deixal-a, minha boa e santa senhora? Que pena que tenho!

(Continua)

Sanches de Frias.

## EPITAPHIOS CURIOSOS

Em velhos manuscriptos que compulsei, depararam-se-me os seguintes curiosos epitaphios, que existiram em sepulturas e templos, alguns hoje desaparecidos.

A meio do corpo da igreja de S. Paio, de Torres Vedras, existia uma campa com este letreiro:

Nonca descanço achei  
Nesta vida tão cançada  
Senão aqui nesta morada

Christovão Dias sapateyro.

Esta sepultura he sua e de sua mulher.

Na nave da mesma igreja, do lado da epistola, havia outra campa com o seguinte distico:

Aqui jaz Belchior Carvalho Terra, e nisto se hão de tornar todos os que cá ficão. Falleceo em 20 de julho de 1587.

Na igreja da freguezia de S. Bartholomeu, entre Souzel e Vimieiro, havia uma sepultura com a seguinte inscripção:

Com Bras A.º fui casada  
Gracia Diaz me chamei,  
Só dous mezes me logrei  
Depois que fui desposada  
Aqui estou nesta pousada  
O grão juizo aguardando  
Desta vida tão cançada  
Descançando

No claustro da igreja do Carmo, em Lisboa, havia uma sepultura com a seguinte quadra:

Aqui jaz Pero cegu  
que teve muito dinheiro  
Por Amigos ficou nu  
Eylo aqui jaz sem dinheiro.

No claustro do mosteiro da Trindade, na mesma capital, havia outra campa com o seguinte:

Aqui jaz Pero Machado  
O qual morreo matado.

No mosteiro de S. Domingos, tambem de Lisboa, existia em uma parede o seguinte distico:

Aqui jaz Pero Grou  
que como os outros acabou.

Em em uma casa velha de S. Domingos, em Lisboa, existiu uma sepultura com distico em caracteres gothicos e com um brazão que constava de um escudo com um animal phantastico, cujo rosto era de homem. O distico era o seguinte:

Pellás armas conhecêras  
O que aqui dentro jaz.

Na igreja de Nossa Senhora da Graça, na capital, deparava-se, ao entrar a porta principal, com uma sepultura em que se lia:

Este hé a mais certa morada  
que Alvaro de Moraes e seus herdeiros tiverão nesta vida.

Na igreja de S. Francisco, de Orges, houve uma sepultura com a seguinte inscripção:

Fernão Lourenço da Motta e Isabel de Gouvea juntos jazem aqui por amor, por filhos e por matrimonio. 1574.

Na igreja de S. Martinho de Real, junto de Ponta da Barca, existiu uma sepultura em que se lia:

Aqui jaz Francisco da Costa de Real  
Que do bem sempre disse bem  
E do mal sempre disse mal.

Em Vianna do Alvito, na igreja de Nossa Senhora de Ayres, havia uma sepultura com este letreiro:

Aqui esta Dona Perpetua senhora de Ayres, que cem annos foy solteyra em casa de seu paí, cem casada cõ um bom marido, e cem viuva cõ seu filho, e chorou-a sua Mãe por filha mal lograda.

Na igreja de Santo Antão, de Evora, havia uma sepultura em que se via esculpida uma móca com o seguinte dizer:

Quem se desherda antes da morte  
Com esta móca morra má morte.

(A palavra móca estava designada com a que antigamente exprimia um varapau).

Na ermida de S. Fructuoso, junto a Lanhoso, existiu uma campa com o epitaphio:

Foi Barom gentil de besta  
Gileánes que aqui jaz  
Mes morte hu birote traz  
Ca non fay na sua besta.

D. Pedro Miago foi um antiquissimo fidalgo de Valladolid, que mandou fazer um hospital nas casas em que vivia, ordenando que ahi fosse sepultado em campa em que estivesse representado até á cinta e com o seguinte epitaphio:

Yo me soy D. Pedro Miago.  
Que en lo mio me jago  
Lo q comi, y bebi logré  
El bien que hize hallé  
Delo q acá quedó no sé.

No convento de S. Agostinho de Salamanca foi enterrado Pedro Peres Maldonado, rico homem dos reis D. Antonio o Sabio e D. Sancho o Bravo, e em um arco que havia na parede da igreja do lado do evangelho lia-se:

Aqui yaze el muy honrado y magnifico cavallero Pedro Maldonado, que con poco dinero sustuvo mucha honra.

Em Ceuta houve uma sepultura de um bispo, com o seguinte letreiro:

Aqui fica a melhor cousa de Castella, o senhor Bispo Gonçalo Alfonso, natural de Merida. Não quiz ser castelhano, por não cahir em desgraça de Nosso Senhor Jesu Christo.

Na villa de Ladario, comarca de Vizeu, houve uma capella, que o dr. João Vaz Nunes, que foi corregedor de Miranda, mandou fazer e n'ella mandou pôr o seguinte letreiro:

Quem zombar da capella  
E traça della  
Faça outra melhor que ella.

Manoel M. Rodrigues.

## NECROLOGIA



MARQUEZ DE SABUGOSA — FALLECIDO  
EM 2 DO CORRENTE

Falleceu no dia 2 do corrente o sr. marquez de Sabugosa, fidalgo da antiga nobreza, caracter nobilissimo, da mais escrupulosa honradez e hombridade, com que mais enalteceu ainda o brazão de sua familia.

O sr. marquez de Sabugosa, Antonio Maria José da Silva Cesar de Menezes, nasceu a 6 de julho de 1825, filho do sr. conde de S. Lourenço, general de brigada distincto nas campanhas da guerra da Peninsula, socio da Academia Real das Sciencias, fallecido em 1863, e de D. Theresza Maria Correia de Sá, fallecida em 1832, era o 3.º marquez do seu titulo, 10.º conde de S. Lourenço, alferes-mór do reino, veador de Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, par do reino e ministro de estado honorario.

Militou na politica, no velho partido historico, e foi pela primeira vez ministro em 1873, titular da pasta do reino sob a presidencia do Duque de Loulé.

Em 1879 foi novamente chamado aos conselhos da corôa, entrando no ministerio presidido por Anselmo José Braamcamp, sendo-lhe distribuida a pasta da marinha.

Este meio da politica portugueza, que tem enlameado tantos homens de valia, nunca conseguiu manchar o sr. marquez de Sabugosa, e tanto basta para o seu elogio de homem politico e particular. Um facto bem frisante citaremos para comprovar esta affirmativa e é elle o seguinte:

Em 1872 sendo o sr. marquez de Sabugosa, director da Companhia das Aguas, obteve esta do governo a approvaçao de um regulamento, que o partido a que o illustre fidalgo pertencia, entendeu ser vexatorio e illegal, o que manifestou por meio da sua imprensa e em comicios que quiz realizar. O sr. marquez de Sabugosa resolveu facilmente este apparente conflicto levantado entre o seu decoro e osseus interesses, exponerando-se immediatamente do seu cargo de director da companhia. Homens d'esta auctoridade moral vão rareando cada vez mais no meio da nossa sociedade, deixando-a empobrecer de caracteres, mal, que em cada dia mais se agrava.

Na camara dos pares a sua individualidade destacava-se pela correcçao e acerto nas discussões em que entrava, não o cegando a ambição nem o facciosismo partidario.

Cabiam-lhe bem os altos cargos que desempenhou na corte dos nossos reis de que foi sempre um servidor leal, e dedicado com toda a fidalguia do seu nobre caracter.

A idade e a doença tinham-o affastado ha bastante tempo da vida publica, tendo ainda, por occasião da aclamação de El-rei o Senhor D. Carlos desempenhado as funcções de alferes-mór.

A noticia da sua morte foi recebida com geral sentimento, e o seu funeral muito concorrido.

Receba a illustre familia do finado a expressao do nosso grande pesar.



Recebemos e agradecemos:

Vasco da Gama e o descobrimento do caminho maritimo da India — Breve noticia historica por J. A. Ismael Gracias. — Nova Goa — Imprensa Nacional — 1897.

É sempre com o mais sincero jubilo que folheamos um novo trabalho de tão illustre auctor. A nossa sympathia funda-se no merecimento incontestado das produções, no bom criterio que a ellas preside e na elevada significação moral que possuem: a de uma nacionalidade que se se afirma pelo trabalho intelligente e patriótico dos seus filhos.

Como muito bem diz o J. A. Ismael Gracias: O titulo da presente publicação resume o seu fim e oportunidade. No intento de fazer mais conhecidos neste paiz o preclarissimo heroe e o seu epico feito, que vão receber a consagração centenial em maio do anno proximo seguinte, resolveu a commissão celebrativa da India Portugueza publicar e distribuir largamente uma breve noticia historica de que se dignou incumbir-nos. Em satisfação do encargo, condensámos em somma de poucas paginas, de rapida e desataviada escriptura, o que sobre o assumpto se lê no Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama, impresso, ja em segunda edição, com valiosas notas por Alexandre Herculano e pelo barão do Castello de Paiva, nas obras dos chronistas, varios nas suas relações, e em diferentes livros de auctores nacionaes e estrangeiros, que vão citados. É, pois, um escripto simples, mero trabalho de vulgarisação, destinando-se principalmente ás classes populares, para as interessar no movimento festivo, mostrando-lhes previamente o objecto do anunciado jubileo. No decurso da narrativa, vão ligados os factos ao sublime poema que os immortalisou — os Lusitadas — notando-se as estancias referentes. Ao genial Camões deve o Gama o melhor da sua gloria: foi aquelle que nos seus divinos carmes magnificou a acção do illustre peito lusitano, e deu a voz, o pregão eterno à Patria; seria, pois, indesculpavel lacuna esquecer o n'esta singela memoria.

Este trabalho preenche, a nosso ver, perfeitamente o fim a que se destina. Claro, conciso e insinuante, a sua leitura esclarece, illumina e dá o sufficiente conhecimento sobre tão magno assumpto. Util e pratico, agradável e persuasivo.

É um compendio deversos bem feito e que nos mostra o heroe em todo a sua individualidade. Bem cabal foi, pois, o desempenho que a honrosa incumbencia deu o illustre auctor.

Le Monde Moderne — N.º de Novembro e Dezembro de 1897 — Rue Saint Benoît — Paris.

O primeiro d'estes numeros trazia o seguinte sumario:

Le Retour, par René Bazin. — Au pays du Cognac, par R. Pingaud. — Le Caire, par Abel Chevalley. — Les Decorations de fetes, par Jules Adeline. — Le Sang, par le Dr. J. Laumonier. — Le Rôle des forestiers à la guerre, par Georges Sumac. — Fedele, par Antonio Fogazzaro. — Buenos Aires, par Alfred Ebelot. — Le Mouvement litteraire, par Léo Claretie. — Chronique théâtrale, par Maurice Lefevre. — Evénements géographiques et coloniaux, par Gaston Rouvier. — Causerie scientifique, par G. Mareschal. — Memento encyclopédique.

De entre estes artigos, todos illustrados, distinguimos o que descreve o sangue, não só pelo lado physiologico e chimico, como pelo conjuncto de demonstrações scientificas de que é acompanhado. Nenhum assumpto de interesse mais vital do que o sangue, nenhum phenomeno mais digno de ser estudado.

O numero de dezembro compõe-se dos artigos: Sigalotte, par P. Vigné d'Octon. — Les Quarante fauteuils de l'Académie française, par H. Buffenoir. — William Bouguereau, par E. mile Bayard. — Saint-Emilien, par Charles Lallemand. — Napoléon et Beranger, par Paul Crouzet. — Le Petit Musée, par André Godard. — Un Music-hall derrière le rideau, par C. de Neronde. — Le Mouvement litteraire, par Léo Claretie. — Chronique théâtrale, par Maurice Lefevre. — Causerie scientifique, par G. Mareschal. — Evénements géographiques et coloniaux, par Gaston Rouvier. — Memento encyclopédique.

D'estes artigos destacamos o que se refere aos

academicos francezes, pois além de muito interessante é acompanhado dos retratos dos quarenta immortaes. Tambem especialisaremos o estudo acerca do notavel pintor francez Bouguereau, inquestionavelmente o maior artista da Europa actual.

Stelos. Versos por Theotónio Freire. — Recife 1896.

A litteratura brasileira cada vez se mostra mais exuberante. Mas cá como lá, a par dos nomes rutilantes de Gonçalves Dias, José de Alencar, apparecem nomes rotulando livros impossiveis.

Festejam-se com justa razão Sylvio Dinarte, Franklin Tavora, Aluizio de Azevedo e Macedo e Valentim, e taxam-se como devem os poetas avulsos e mesquinhos que pretendem, pelo escandalo ou pelo desconchavo, fugir á fatal vulgaridade que os castiga.

Com que satisfação, pois, nos apraz repetir o nome de um poeta digno de se comparar aos illustres mestres! É o que fazemos com o presente livro de versos. É uma obra poetica de incontestavel valor. O auctor é humano, sabe sentir e exprimir. Nos seus poemas é elegante, distincto e canoro.

Uma prova:

## ANTES DO BAILE

Começa o baile no solar do conde,  
Sedas, velludos e brocados raros  
Cobrem contornos que o decoro esconde  
E que o desejo torna ainda mais caros.

Tremem por sob o fino tulle e o blonde  
Seios de rosa em sombreados claros,  
Formas verá, o olhar que attento as sonde,  
Feitas n'um bloco alvissimo de Paros.

Giornos em profusão flammaz fuzilam  
Sobre rubis e gemmas que scintillam,  
— Feixe de luz presos de rubros nistros...

A orchestra preludia. Entra a condessa,  
Arrepanhando a cauda, alta a cabeça:  
— É o sol gaitando o turbilhão dos astros!

Como a scena é bem descripta! Como a poesia se amolda á natureza e a palavra ao rythmo do verso. Incontestavelmente um livro de poesias assim redime bem todos os outros.

Revue Mascaró, pour aveugles et voyants. — Rue Alecrim, 20 — Lisboa.

Temos presente desde tempo o primeiro numero d'esta revista pedagogica, escripta em francez. Não sabemos se a tentativa proseguir pois, ate ao momento em que escrevemos, a este numero se limita a publicação.

Aqui consignamos apenas este specimen jornalístico, que aos entendidos deve merecer verdadeiro interesse como ao seu auctor o tem merecido a santa causa da illustração dos cegos.

## Almanach illustrado do «Occidente»

Para 1898

Está a publico este interessante annuario profusamente illustrado e com primorosa collaboraçao litteraria.

A capa é um lindo chromo representando o «Adamastor». Preço 200 réis, pelo correio 220 réis, cartonado 300 réis.

A venda em todas as livrarias e na EMPREZA DO «OCCIDENTE» — Largo do Poço Novo — LISBOA.

## LIVROS PARA RIR

## O NARIZ DO TABELLIÃO

Por E. ABOUT

Tradução de Pin-Sel

Um vol. illustrado com uma linda capa a cores

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220

Pedidos á Empresa do Occidente, largo do Poço Novo — Lisboa.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 3ª